

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

Afectividade e Sexualidade no contexto escolar: Um estudo de caso com as raparigas da Escola secundaria da Maganja da Costa-Zambézia

Autor: Amílcar Joaquim J. Magaço

Supervisor: dr. Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Março 2013

Afectividade e Sexualidade no contexto escolar: Um estudo de caso com as raparigas da Escola secundaria da Maganja da Costa-Zambézia.

Autor

Amílcar Joaquim Jantar Magaço

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do Grau de licenciatura em Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Fevereiro de 2013

Declaração de honra

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Amílcar Joaquim J. Magaço

Dedicatória

Ao presente estudo dedico a minha mãe Natália Bernardo Rafael, e a minha avó a quem trato como mãe Ecita Devessa que sempre foram e sempre serão a minha fonte de inspiração.

Agradecimentos

Este relatório só foi possível graças ao apoio e intervenção de muitas pessoas a quem desde já expresseo o meu maior e profundo agradecimento. Gostaria em primeiro lugar agradecer ao meu supervisor dr. Emídio Vieira S. Gune, pessoa que admiro bastante e tenho maior apreço. A ele confiei a tarefa de supervisionar o meu relatório e fê-lo com amizade e ponderação. Mostrou sempre apto a partilhar e discutir assuntos do relatório de pesquisa e da vida académica.

Igualmente agradeço a todos os/as docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane.

Minha gratidão vai igualmente para o meu avo Bernardo Rafael e para os meus tios/tias Cristina Bernardo Rafael, Aínda Bernardo Rafael, Cristiano Bernardo Rafael, José Bernardo Rafael, Leonor Bernardo Rafael e Ana Bernardo Rafael. A todos agradeço pela compreensão, ponderação e companheirismo nos bons e maus momentos do curso e da vida.

Aos colegas do curso de Antropologia geração 2009 especialmente Dilman Mutisse, Cremildo Mubate, José Chigarisso, Simão Capece, Sargem Chiparanga, Mariza Chivangue, Amaral Gove, Obonyo Guerra e aos outros agradeço pelo convívio, pelas discussões académicas e pelo apoio na vida académica.

De forma particular queria agradecer aos meus amigos Agostinho Neves, Benjamim Portugal, Joaquim dos Santos, Dilman Mutisse e Farzana Sofia a quem diversas vezes nos ajudamos em prol da ciência e da vida fora da academia.

Enfim, agradeço a todos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste relatório de pesquisa.

Muito obrigado!

Índice

Resumo	vii
Capitulo I	1
1. Introdução	1
Capitulo II.....	4
2. Revisão de Literatura	4
3. Enquadramento Teórico-Conceptual.....	8
3.1 Conceptualização	10
Capitulo III.....	12
4. Procedimento Metodológico.....	12
4.1 Desafios e constrangimento no trabalho etnográfico.....	13
Capitulo IV	15
5. Perfil dos entrevistados	15
5.1 A Escola e Rede de Sociabilidade na construção da sexualidade	15
5.2 As interacções afectivo-sexuais entre a juventude local.....	17
5.3 Construção das Relações Afectivas e Sexuais das Raparigas	19
Capitulo V.....	23
6. Discussão dos Resultados	23
VI Capitulo	25
7. Considerações Finais	25
8. Referências Bibliográficas	27

Resumo

A sexualidade sendo característica própria dos indivíduos, tem sido analisada tendo em conta a perspectiva segundo a qual os significados que estruturam as relações afectivas e as práticas sexuais são fornecidos pela cultura. Este trabalho analisa em que medida as diferentes categorias criadas no imaginário de um grupo se articulam na construção das relações afectivas e sexuais das raparigas.

Assim, da análise de conteúdo dos discursos produzidos pelas diferentes entrevistadas ilustro duas categorias sendo a de “vivido” e a de “criança”. Categorias estas, construídas no seio do grupo, tendo em conta a primazia da experiência sexual e de vida por parte das raparigas nas escolhas dos parceiros sexuais.

Os resultados preliminares apresentados neste estudo permitem notar que as escolhas de parceiros sexuais são guiadas pela valorização de um estatuto social e negligenciamento do outro, incorporados em duas categorias. A categoria “vivido” incorpora valores que para os participantes desta pesquisa trás vantagens em relação a categoria “criança” que ilustra indivíduos com pouca ou nenhuma experiência sexual e sem capacidade de sustentar um relacionamento afectivo sexual.

Palavras-Chave: Vivido, criança, sexualidade, relações afectiva-sexuais.

Capítulo I

1. Introdução

Este relatório de pesquisa é um trabalho de culminação de estudos na modalidade de projecto de pesquisa. O presente estudo analisa a forma como o imaginário sobre os relacionamentos das raparigas estrutura-se através da valorização de diferentes estatutos sociais.

A minha proposta de análise tem como perspectiva a apreensão da vida social, bem como o exame do conjunto de dados apresentados neste trabalho colocados na suposição de que as representação e práticas relativas da afectividade e sexualidade estão inseridas num sistema de disposição social.

A questão sexualidade e das relações afectiva-sexuais dos jovens e em particular das raparigas, têm sido analisado em duas linhas de abordagem. A primeira abordagem olha a noção segundo a qual os significados que estruturam as relações afectiva-sexuais são fornecidos pela cultura. Dando conta de que a sexualidade e as relações afectiva-sexuais são objectos de aprendizagem e a educação sexual transmitida pelas instituições como sociedade, família, escola e nos ritos de iniciação, para os casos em que estes ainda se praticam, desempenham um papel vital na formação de identidades dos jovens (Osório e Cruz 2008:135).

Segundo Rodrigues (2009) esta noção mostra que os sistemas de significados sexuais diferenciados são actualizados nas relações afectivas e nas práticas sexuais dados pelas relações de género e pelo pertencimento a diferentes segmentos sociais, facto que determina diferenças nas representações dos jovens acerca da sexualidade.

Desta feita, entendemos que esta abordagem apresenta algumas limitações. A primeira ao apresentar as relações afectivas e sexuais como dependendo de processos de socialização, de aprendizagem e aceitação de determinadas normas e padrões culturais que condicionam a vivência do acto sexual.

Um segundo problema é o facto desta perspectiva olhar para as questões culturais como dominante e coincidente com o espaço geográfico, ignorando outras dimensões que estão incorporadas dentro de um espaço geográfico.

Um outro problema influenciado pela lógica de construção social da sexualidade tem a ver com o facto dessa perspectiva ligada ao modelo patriarcal ignorar outras dimensões da vida social ao estruturar as lógicas de construção das relações afectivas-sexuais, tendo em conta as posições binárias socialmente construídas.

A segunda abordagem enquadra argumentos segundo a qual apesar de serem construídos socialmente os significados que estruturam os comportamentos, as relações afectivas e as atitudes sexuais podem ser modificados por diferentes situações e pressões sociais. De acordo com esta linha, esta perspectiva explica que os jovens assimilam e (re) significam os valores e noções dadas no berço familiar, não estando estes numa condição de opressão no que se refere aos valores da sexualidade.

Neste sentido salienta-se que para compreendermos a forma como se estrutura a sexualidade dos jovens temos que levar em conta os aspectos da maturação fisiológica que ocorre na puberdade, as mudanças psíquicas e comportamentais que se dão neste período da vida, a cultura sexual da sociedade em que este se constituiu e encontra-se inserido e a forma como estes três aspectos se inter-relacionam.

Esta abordagem de intersecção ofereceu a este trabalho uma compreensão ampla dos aspectos da vida social que, quando observados conjuntamente criam sentidos distintos nas experiências dos sujeitos. As trajetórias e as relações afectiva-sexuais são constituídas e constitutivas dessas articulações. Esta patente nesta afirmação, a noção de *script* sexual¹.

Neste trabalho, com base nas entrevistas e observações efectuadas ilustro a existência de duas importantes categorias para as escolhas afectivas. Estas categorias cingem-se na percepção das estruturas e das escolhas afectivas-sexuais tendo em conta a construção do grupo e do script sexual dos indivíduos.

¹ Script sexual é o guião que auxilia a identificação individual das situações de cariz sexual para cada um, que permite ao individuo responder aos estímulos que na sua categorização mental ocorreu como sexualmente atrativo (Rodrigues 2009:46).

O presente estudo está organizado em seis capítulos que passamos a apresentar: no primeiro capítulo desta enquadrada a presente introdução, apresentado o primeiro capítulo, segue o segundo capítulo onde é apresentada a revisão de literatura que é o estado de arte do trabalho e de seguida o enquadramento teórico-conceptual onde apresento a linha teórica adoptada e a operacionalizamos os conceitos chaves para este trabalho, no terceiro capítulo encontramos os procedimentos metodológicos, aqui marcamos a secção com o esclarecimento do método e das técnicas que foram usadas no terreno na fase da recolha de dados, o quarto capítulo esta reservado para a análise e discussão do resultado da pesquisa e por fim temos o quinto e o ultimo capítulo que é a conclusão do trabalho.

Capítulo II

2. Revisão de Literatura

O debate sobre a construção da sexualidade e das relações afectiva-sexuais dos jovens e em particular das raparigas centra-se em duas linhas de discussão a serem apresentadas a seguir.

A primeira entende que os significados que estruturam as relações afectiva-sexuais dos jovens são fornecidos pela cultura. Dando conta de que a sexualidade e as relações afectiva-sexuais são objectos de aprendizagem e que a educação sexual transmitida pelas instituições como sociedade, família, escola e nos ritos de iniciação, para os casos em que estes ainda se praticam, desempenham um papel vital na formação de identidades dos jovens (Osório e Cruz 2008:135).

Segundo Rodrigues (2009) esta noção mostra que os sistemas de significados sexuais diferenciados são actualizados nas relações afectivas e nas práticas sexuais dados pelas relações de género e pelo pertencimento a diferentes segmentos sociais, facto que determina diferenças nas representações dos jovens acerca da sexualidade.

Nesta linha de abordagem Sousa (2004), olham para as questões da sexualidade como uma construção social que assume características diferenciadas de acordo com as distintas culturas, e os significados que se dá a cada uma das dimensões da sexualidade são entendidos como uma parte da formação da identidade individual e colectiva.

Nesta temática, citando Pereira (2002), para uma melhor compreensão do desenvolvimento da sexualidade do adolescente e jovens é necessário se remeter às considerações feitas sobre a cultura sexual desses indivíduos, tendo em conta a sua construção.

Esta perspectiva vai mais longe e apresenta as questões da sexualidade como dependendo de processos de socialização, de aprendizagem e aceitação de determinadas normas e padrões que condicionam a vivência do acto sexual. Portanto, há uma dinâmica cultural, histórica, política e social que enforma os comportamentos sexuais, que resultam de um esquema cognitivo organizado, necessário ao reconhecimento de uma situação sexual (Quartilho 2003: 32).

Desta feita, entendemos que esta perspectiva apresenta algumas limitações. A primeira ao apresentar as relações afectivas e sexuais como dependendo de processos de socialização, de

aprendizagem e aceitação de determinadas normas e padrões culturais que condicionam a vivência do acto sexual.

Um segundo problema é o facto desta perspectiva olhar para as questões culturais como dominante e coincidente com o espaço geográfico, não olhando outras dimensões que estão incorporadas dentro de um espaço geográfico. Por sua vez, com esse trabalho observei que os indivíduos podem estar no mesmo espaço geográfico mas em mundos diferentes. Que para esta trabalho identifiquei dois mundos separados em segmentos sociais² consideradas nas categorias construídas entre os indivíduos.

Um outro problema influenciado pela lógica de construção social da sexualidade tem a ver com o facto dessa perspectiva não conseguir sair das fronteiras da cultura e da sociedade como unidade básica social, na qual uma divisão das lógicas diferenciadas entre homens e mulheres. Ignora outras dimensões da vida social ao estruturar as lógicas de construção das relações afectivas-sexuais, tendo em conta as posições binárias socialmente construídas. Olhando para as relações de género como determinantes nas diferentes representações dos indivíduos acerca da sexualidade.

A segunda abordagem enquadra argumentos segundo a qual apesar de serem construídos socialmente os significados que estruturam os comportamentos, as relações afectivas e as atitudes sexuais podem ser modificados por diferentes situações e pressões sociais. De acordo com esta linha, esta perspectiva explica que os jovens assimilam e (re) significam os valores e noções dadas no berço familiar.

Esta abordagem mostra ainda que os indivíduos não estando numa condição de opressão no que se refere aos valores da sexualidade articulam diferentes dimensões da vida social para dar significado e estruturar a sua vida afectiva-sexual.

Neste sentido, segundo Martins (2004), para compreendermos a forma como se estrutura a sexualidade dos jovens temos que levar em conta os aspectos da maturação fisiológica que

² A categoria de segmento social é empregada no presente trabalho de maneira semelhante à que Duarte utiliza quando emprega as classes altas e classes baixas (Duarte, 1997). Fazendo uma separação dos indivíduos em classes sociais de acordo com o nível de vida.

ocorre na puberdade, as mudanças psíquicas e comportamentais que se dão neste período da vida, a cultura sexual da sociedade em que este se constituiu e encontra-se inserido e a forma como estes três aspectos se inter-relacionam.

Esta abordagem de intersecção entre diferentes dimensões da vida social ofereceu a este trabalho uma compreensão ampla dos aspectos da vida social que, quando observados conjuntamente criam sentidos distintos nas experiências dos sujeitos. As trajetórias e as relações afectivas-sexuais são constituídas e constitutivas dessas articulações.

Nesta linha, autores como Loforte (2007) e Paiva (2000) afirmam que embora não possamos falar da hegemonia de novos valores, há sinais de surgimento de novos fundamentos normativos no comportamento dos jovens em conflito com as práticas preexistentes na sociedade.

Assim, segundo Osório e Cruz (2008), a sexualidade, pondo em confronto, os indivíduos e a sociedade exprimem a combinação e o conflito entre normas culturais dominantes na família, na escola e no grupo de amigos, e a manipulação desenvolvida pelos actores, através da sua reutilização ou ruptura, no modo como os jovens representam e praticam a iniciativa nas relações sexuais.

Em Rubin, (1989) citado por Loforte (2007), esta postura, pode nos levar a uma avaliação dos actos sexuais e as relações afectivas a partir de um sistema hierárquico que tem no topo, os adultos casados, com todo o reconhecimento das suas respeitabilidade e legalidade e, por sua vez os jovens cujo acesso à informação é limitado pelos tabus sexuais e pelas ideias que prevalece m nas famílias no sentido de lhes serem transmitidos apenas os conhecimentos tidos como apropriado. Que por sua vez este grupo de indivíduos criam dentro de se novos fundamentos da sua interpretação da sexualidade.

Desta maneira, a ideia de Loforte (2007) facilita-me a compreensão de que as cenas de encontros afectivo-sexuais, são resultados de processos constantes de (re) significação pessoal de experiências vividas no exercício dos scripts sexuais.

Vale salientar que esta abordagem explica que apesar de serem construídos socialmente os significados que estruturam os comportamentos, as relações afectivas e as atitudes sexuais podem ser modificados por diferentes situações e pressões sociais. Esta patente nesta afirmação

de Rodrigues (2009), a noção de *script* sexual, que é pois um guião que auxilia a identificação individual das situações de cariz sexual para cada um, que permite ao individuo responder aos estímulos que na sua categorização mental ocorreu como sexualmente atrativo.

Embora a segunda linha abra espaço para explicar que as diferentes dimensões da vida social dos indivíduos contribuem na forma como as relações afectiva-sexuais se estruturam. Ela tanto como a primeira linha não permite se distanciar das questões culturais do contexto, considerando que o cultural coincide com o espaço geográfico.

Assim face a estas limitações, o presente estudo analisa a forma como o imaginário sobre os relacionamentos das raparigas se estrutura através da valorização de diferentes estatutos sociais.

3. Enquadramento Teórico-Conceptual

Neste enquadramento teórico, pretendemos adoptar a perspectiva de Vieira (2004), que retrata a sexualidade dos jovens como um facto social, que pode ser compreendida tendo em conta os aspectos da maturação fisiológica que ocorre na puberdade, as mudanças psíquicas e comportamentais que se dão neste período da vida, a cultura sexual da sociedade em que o individuo se constituiu e encontra-se inserido e a forma como estes três aspectos se inter-relacionam.

Tendo em conta a proposta de Vieira acima citada como linha orientadora para a elaboração deste estudo, pretendo retratar a sexualidade e afectividade das raparigas à luz da teoria de Construtivista, compreendendo deste modo que as práticas e desejos sexuais são também construídos culturalmente e socialmente, dependendo da diversidade de povos, concepções do mundo e costumes existentes.

Segundo Vieira (2004), essa teoria refere-se a algumas tendências como construtivista pelo facto de construir ou reconstruir a sexualidade como objecto, desvinculando-a de qualquer forma de essencialismo³. Deste modo, Vince (citado por Vieira 2004), ressalta que o termo construção social é empregue de diversas maneiras, embora para todos os autores a sexualidade seja medida por factores históricos e culturais.

O modo como a sexualidade é construída e vivida está depende de várias condicionantes propiciadas pela envolvente sociocultural e histórica, constituindo em suma, um produto do contexto em que o individuo se move.

A partir de meados da década de 60, e principalmente na década de 70, há um aprofundamento dos modelos sexológicos ocorrendo, nesta altura, vários fenómenos político-sociais que direccionam o estudo sobre a sexualidade no sentido da teoria construtivista.

³ O essencialismo pressupõe a existência de uma base inicial universal e defende a ideia de um instinto ou energia sexual inerentes à natureza humana e que determinam as ações sexuais. A sexualidade estaria na fronteira entre o corpo (como um mecanismo fisiológico voltado à reprodução) e a dimensão psíquica (Almeida 2003).

A luz da teoria construtivista, os impulsos sexuais devem ser interpretadas e contextualizadas culturalmente, não se devendo aceitar à priori a universalidade do instinto e resposta sexual. Assim, os significados e a própria noção de experiência ou comportamento sexual não seriam passíveis de generalizações, dado que estão ancorados em teias de significados articuladas a outras modalidades de classificação (...) (Heilborn et al. 2002:3).

Assim esta perspectiva apresenta a sexualidade como dependendo de processos de socialização, de aprendizagem e aceitação de determinadas normas e padrões que condicionam a vivência do acto sexual. Nesta temática, Quartilho (2003) sublinha que há uma dinâmica cultural, histórica, política e social que enforma os comportamentos sexuais, que resultam de um esquema cognitivo organizado, necessário ao reconhecimento de uma situação potencialmente sexual.

Weeks (citado por Vieira 2004), alerta ainda para o fato de que as definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenómeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder. Tendo então nesta face a abordagem construtivista da sexualidade.

Este aspecto é profundamente fundamentados no estudo de Vieira (2004), que reconhecer, segundo o autor:

“a sexualidade como construção social assemelha-se a dizer que as práticas e desejos são também construídos culturalmente, dependendo da diversidade de povos, concepções de mundo e costumes existentes; mesmo quando integrados em um só país. Isso envolve a necessidade de questionamento de ideias maioritariamente presentes na mídia, em condutas idealizadas, que são naturalizadas, e, assim, generalizadas para todos os grupos sociais, independentemente de suas origens e localização” (p. 23).

3.1. Conceptualização

Neste estudo destacamos alguns conceitos-chaves a serem usados que são o de sexualidade, de gosto afectivo-sexual e o afectividade.

Sexualidade

O debate teórico sobre a sexualidade tem sido feito em torno de duas posições: a abordagem essencialista que olha a sexualidade em termos fisiológicos ou biológicos em que as diferenças reais existentes entre o corpo dos indivíduos são usadas por diferenciar homens e mulheres. Por outro lado a perspectiva construtivista que procura abordar a sexualidade do ponto de vista da produção cultural em espaços e tempo históricos distintos.

Assim, do ponto de vista das ciências sociais a sexualidade como domínio da vida depende da socialização da aprendizagem das regras sociais que permitem que a actividade sexual possa ser exercida (Osório 2005).

A Organização Mundial da Saúde (1996) apresenta a sexualidade como sendo:

“Uma energia que nos motiva a procurar o amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual, ela influencia também a nossa saúde física e mental”
(citado por Rodrigues 2009).

Ainda em Rodrigues (2009), podemos perspectivar a sexualidade como um importante instrumento relacional, e afirmar que o seu constructo assenta na base de três pilares essenciais: o potencial biológico, o processo de socialização e a capacidade psico-emocional.

Segundo Sprinthal e Collins (1994), a sexualidade engloba as emoções, os comportamentos e as atitudes que estão associadas aos padrões sociais e pessoais que acompanham as relações físicas íntimas, durante a vida do indivíduo.

Porém, para Lemos e Leandro (2006) atendendo às mais variadas transformações sociais ocorridas nos últimos tempos, pode definir-se a sexualidade como sendo um conjunto de

atitudes e de comportamentos sexuais, definidos num determinado espaço, fruto da cultura normativa de cada grupo social.

Gosto afectivo-sexual

A utilização do conceito de Gosto afectivo-sexual neste trabalho ajuda a pensar a socialização das raparigas, para tal recorro a Bourdieu (2003), que considera o gosto como construção social revelada como prática da cultura, resultante de condições específicas de socialização.

Bourdieu aponta que para compreender a composição do gosto, deve-se recorrer a história das experiências sociais dos grupos e sujeitos. No tocante à minha conceituação do gosto afectivo-sexual tenho como referência a narrativa de uma das participantes da pesquisa que diz “eu gosto de homens vividos”. Essa referência de um sujeito da pesquisa não explica de modo aprofundado o refinamento do gosto afectivo-sexual, mas ilustra o caminho para pensar sua adesão as estruturas sociais.

Afectividade

A afectividade aponta para o sentimento de apego e de ternura para os indivíduos. Quando falamos de afectividade, mostramos a relação que pode existir entre homem e mulher é a relação afectiva onde tanto o homem como a mulher vão buscar sua afectividade juntos (Fonseca 2003:34).

Em português corrente, designamos de afecto o “sentimento de inclinação para alguém; afeição; amizade; amor; carinho.” (Dicionário da língua portuguesa pág. 27).

De acordo com Chauí (2000), a afectividade é um conceito muito extenso e de compreensão bastante vaga, que engloba estados tão diversos como as emoções, paixões, os sentimentos, a ansiedade, a angústia, a tristeza, a alegria sensações de prazer e dor. Numa outra definição, podemos dizer que afectividade é o conjunto dos sentimentos (estados de humor) da pessoa, de acordo com as suas características mais evidentes (qualidade essencial do estado de humor), com a sua intensidade, expressividade e duração (Christian, 1996:171). A afectividade é uma característica da nossa personalidade, uma vez que, podemos dizer que alguém tem um temperamento alegre ou que é uma pessoa melancólica.

Capítulo III

4. Procedimento Metodológico

O presente relatório de pesquisa foi produzido com base num estudo de carácter exploratório, utilizando o método etnográfico. Este método permitiu, através da interacção e aproximação com as raparigas compreender as percepções que elas têm em relação a sua vida afectiva-sexual. Permitiu também captar os diversos significados e valores que elas dão a sua vida sexual.

Para a constituição deste relatório obedeci a três principais fases nomeadamente a teórica através de consulta de fontes bibliográficas nas bibliotecas e na internet, a segunda fase foi a etnografia e por fim a descrição e interpretação dos dados de pesquisa.

Na fase etnográfica para este estudo foi realizada uma análise que incluiu a observação directa, bem como registos de alguns depoimentos informais colectados no campo de pesquisa feitos através da adopção de varias técnicas como a de grupo focal onde os membros do grupo narram e discutem visões e valores sobre o assunto e sobre eles próprios. Esta técnica mostrou-se ser uma estratégia privilegiada para o registo de diferentes representações de atitudes e valores de um grupo de raparigas.

A utilização desta técnica requereu a selecção aleatória dos grupos de alunos no momento do intervalo de lanche na escola, controlando alguns denominadores como sexo e a idade.

Esta técnica permitiu também captar algumas terminologias localmente usadas para designar alguns aspectos no seio dos jovens. Assim, a partir do uso desta técnica de grupo focal compreendemos que os alunos criam entre si significações e terminologia referentes a sua vida afectiva e sexual.

A outra técnica dentre a possibilidade de variantes entrevistas possíveis de serem usadas, recorri a entrevistas individuais semi-estruturadas com uso de gravador. Esta temática requer disponibilidade discursiva por parte do entrevistado. Quivy e Compenhoudt (1998) referem que tanto quanto possível, (importa dar liberdade ao entrevistado) para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier.

Esta técnica permitiu manter uma conversa aberta entre o pesquisador e o pesquisado, onde este último revela suas representações sobre a realidade, sua experiência e percepções básicas da sua vida sexual para o caso deste trabalho. Permitindo também abordar assuntos ligados a sua vivência sexual com mais substância e conteúdos individuais.

Estas entrevistas semi-estruturadas também permitiram captar aspectos como a descrição e explicação da convivência na escola do tipo de relacionamentos que ali são frequentes. É de salientar que estas entrevistas foram feitas e gravadas com apoio de alguns instrumentos. O uso do telemóvel como aparelho gravador e bloco de notas foram usadas como instrumentos de recolha de dados possibilitou uma maior complementaridade, consistência e retenção dos dados obtidos através de observação e de entrevistas.

Com esta técnica durante o trabalho etnográfico todas as conversas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados. Concluídas as gravações e as anotações no bloco de notas, as conversas gravadas e as observações foram transcritas em casa com mais calma e assim passadas a limpo no diário de campo. Depois deste passo procurei olhar o que os participantes disseram sobre como é vivida e interpretada a sexualidade as relações afectivas construídas naquele grupo.

Foi também usada a técnica denominada observação *in loco* com objectivo de dar um significado sociológico aos dados recolhidos, esta observação permitiu-nos registrar informações sobre o comportamento dos alunos no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aula. Utilizei também o diário de campo como instrumento de apoio, onde se registraram algumas impressões no terreno. Favret-Saada (2005) aponta que, para autores como Malinowski, o diário de campo era um espaço íntimo, de liberdade e reencontros consigo fora das horas de trabalho, um espaço de recreação pessoal, no sentido literal do termo.

4.1. Desafios e constrangimento no trabalho etnográfico

Neste trabalho de terreno encontrei alguns constrangimentos que foram ultrapassados. Na primeira visita exploratória ao meu local de estudo não consegui ter nenhuma conversa com os jovens da escola, por ser considerado um estranho naquele meio onde quase todos se conhecem nenhum dos alunos da escola se mostrou disponível de conversar com o pesquisador. Mas este pequeno constrangimento foi superado com a minha persistência no terreno.

No segundo e no terceiro dia quando as pessoas já estavam quase familiarizadas com a minha presença, consegue ter algumas conversas. Começando o contacto e a conversa com um jovem aluno da escola e ex activista da Geração Biz que me apresentou alguns dos seus amigos e colegas tanto rapazes como raparigas a qual fiz amizade, troquei contactos.

Depois de uma semana no terreno, familiarizado com os participantes da pesquisa ainda tive alguns constrangimentos, no sentido de ter uma maior abertura dos rapazes nas conversas sobre sexualidade que com as raparigas. Este facto deu-se pelo facto do pesquisador ser do sexo masculino e ser pouco conhecido.

O outro constrangimento foi quando os participantes ao longo da pesquisa etnográfica pensaram que o pesquisador era um profissional de saúde sexual e reprodutiva da UATS, e com isso perguntavam se vinha falar das DST, VIH e SIDA e se traria preservativos para oferecer. Isto fez com que os participantes mostrassem de primeira que conheciam os serviços de saúde sexual, como se esse fosse o meu objectivo naquele espaço. Isto obrigou que ao longo da pesquisa etnográfica o pesquisador se apresentasse como estudante que vinha fazer uma pesquisa com os jovens.

Durante o período da minha estadia no distrito, tive como dificuldade o controle e comprimento do cronograma, pois neste período em que me encontrava com o tempo contado, alguns dias foi surpreendido pela chuva o que fez com que adiasse algumas entrevistas.

Capítulo IV

5. Perfil dos entrevistados

Os resultados aqui apresentados referem-se às entrevistas com 9 raparigas. As idades destas jovens variaram de 16 a 22 anos, entre as quais duas frequentam a 12ª classe, três frequentam a 11ª classe, e as outras três frequentam a 10ª e 9ª classe.

O critério de escolha para a seleção destas raparigas na pesquisa foi o fato de serem alunas da única escola secundária no distrito e de terem se disponibilizados a conversar com o pesquisador a cerca do tema. Entretanto, chamou-me também a atenção o fato de que uma das raparigas ter-se identificado como ex. activista da Geração Biz do distrito, o que me ajudou a entrar e me familiarizar com outros alunos da escola.

Por parte dos rapazes com quem também conversei apesar destes não fazerem parte do meu grupo alvo, chamou a atenção o facto de que, embora estivessem a estudar (a maioria com a nível básico feito), somente dois dos entrevistados estavam inseridos no mercado de trabalho. Dos quais um trabalhava em uma loja de venda de vários tipos produtos e o outro trabalhava com venda de produtos alimentares como cereais e frutas no mercado informal.

Notei também que apenas cinco informantes residiam com a família de origem, três residiam no lar dos estudantes do distrito, e por fim uma das entrevistadas que se tornara mãe recentemente morava sozinha, o que de certo modo garantia os recursos de moradia e alimentação, embora sem total independência financeira, conforme o relato da rapariga tinha ajuda dos tios para sustentar a sua vida embora trabalhasse.

5.1. A escola e rede de sociabilidade na construção da sexualidade

Nesta secção é abordar a caracterização do universo da escola, dos alunos a partir de indicadores como a disposição do espaço da escola ligada a distribuição etária, tipo de amizades e o nível de escolaridade.

O local onde foi desenvolvido este trabalho é a única escola secundária do Distrito da Maganja da Costa, situa-se no bairro central do distrito e a mesma desempenhando importante papel no seio da juventude locais, despondo de diversidades atrativas aos jovens, principalmente queles relacionados ao desporto. O cenário é composto por um campo de futebol salão e de basquete.

Além de uma cantina privilegiada que se localiza ao lado dos espaços atrativos como o campo de desportos e o jardim.

A proximidade com as diversas instalações de varias instituições, casas, jardim e a disponibilidade qualitativa de atrativos impulsionam o fluxo de jovens, que na sua maioria vindos tanto de tornos diferentes da própria escola como de outras escolas locais.

Assim, tanto a estrutura, a localização da escola, os seus atrativos, divertimentos e um cenário de eventos de desportos e lazer influenciam o fluxo de jovens e o desenvolvimento das relações afectivas dentro da escola.

O conjunto das raparigas que participaram nesta pesquisa para além de serem alunas da Escola onde se realizou a etnografia para este trabalho, algumas delas exerciam também, dentre outras atividades, aquelas ligadas ao desporto, ao associativismo estudantil e de activistas. As narrativas desenvolvidas durante as entrevistas ilustraram os processos de sociabilidade envolvendo os alunos da escola local.

Assim, ao falar das jovens raparigas, busco identificar quem compõe este grupo e apresento algumas considerações sobre quais diferenças e semelhanças eles distinguem entre os de dentro e os de fora. Por sua vez, ser jovem, no contexto estudado, é uma definição que não obedece ao critério etário ainda que relacionadas a ele, mas refere-se a modos de pensar e agir que situam os sujeitos numa fase de vida em que não se definem mais como crianças, mas ainda não como adultos.

Verifiquei também que os jovens participam da vida e nas actividades da escola e tanto nas suas narrativas como nas minhas análises etnografias, observei que os alunos da escola vivem o mesmo tipo de esquema mesmo sabendo que entre eles, de certo modo há alguma diferença entre os que estudam em turnos diferentes na mesma escola.

Apesar dos entrevistados frequentarem turnos e níveis de escolaridade diferentes, estão presentes e se relacionam em grupos de amigos. Contudo, essa diferença influencia pouco, pois mesmo que os alunos frequentem níveis diferentes, estes podem ser amigos e/ou jogar futebol ou basquetebol juntos na escola.

Tanto os jogos amigáveis como os passeios à escola têm acontecido no período de tarde, no momento de Educação Física e nos momentos do intervalo de lanche em diante. Neste período, o espaço da escola é tido como o espaço de lazer, namoros, encontros de confraternizações dos grupos juvenis e de amigos.

Assim, posso afirmar que o espaço da escola no turno de tarde é tido como um espaço de sociabilidade dos jovens. Isto porque, observei que neste período do dia para além de estarem na escola os alunos em aulas e os que estão para desenvolver as suas actividades desportivas, estão presente também alunos que vão passear (segundo as suas narrativas), assistir aos jogos, conversar e namorar. Logo, as relações aqui ocasionadas são estabelecidas nos espaços que a escola oferece. Neste âmbito, retrato a escola como um dos principais contextos de interação cotidiana, um espaço estratégico para estimular a discussão sobre as relações afectivas-sexuais dos jovens.

Por outro lado, outros significados da interacção que também se mostraram presentes, foram as relação entre as alunas e os professores e, algumas vezes, até configuraram situações de opressão por parte dos professores e/ou interesse por parte das alunas. Este facto foi identificado com as narrativas tanto das raparigas como dos rapazes que com o pesquisador conversaram.

5.2. As interacções afectivo-sexuais entre a juventude local

Nesta secção ilustro a frequência das interacções afectivo-sexuais enquanto práticas sociais entre a população jovem da escola secundaria da Maganja da Costa. Tanto as narrativas das raparigas, bem como as observações etnográficas mostramos que existe valores associados a escolha de parceiros pondo em primeiro lugar a confiança e o conhecimento do mesmo.

A descrição de duas raparigas quando perguntamos se aconteciam e eram frequentes os relacionamentos entre os estudantes da escola, estas revelou como o frequente se transforma em “natural”.

“ É a coisa mais normal aqui, você pode ver entre estudantes aqui se envolverem e namorarem juntos...aqui mesmo dentro, pode encontrar em qualquer canto, ate nos intervalos... em qualquer lugar você encontra pessoas a se pegarem ” (Paula, 19 anos, 12^a classe).

“Ahh... aqui, os jovens brincam muito. Ficam por ai toda hora, mesmo os que já tem namorados fora, também brincam por aqui entre colegas e tal” (Grupo focal com Estudantes).

As narrativas destas participantes ilustram que o espaço da escola estimula o fluxo dos jovens a ela e cria uma familiaridade entre os indivíduos que partilham aquele espaço.

Além do brincar⁴, da paquera e da prática do sexo entre o meu grupo alvo desta escola, também foram muitas as menções sobre relacionamentos sérios e longos, indicando diversas interações no cenário da sociabilidade e das trocas afectivas.

Um aspecto bastante citado como justificativa dos relacionamentos dentro da escola, principalmente pelas raparigas, foi o facto de que dentro da escola haver uma familiaridade entre as pessoas, de modo que relacionar-se com alguém de fora é alternativa desfavorável, pondo a confiança em causa:

“Hoje a maioria daqui namora pessoas daqui mesmo, eu mesmo, eu namoro aqui mesmo. Pra mi é mais fácil namorar uma pessoa que esta sempre aqui, que vive aqui no distrito, que estuda aqui na escola e que você conhece e que crescemos juntos ate... Há ate aquelas alunas daqui que se casam com professores, só porque já se conhecem na família a muito tempo e cresceram aqui mesmo” (Marta, 21 anos, 12ª classe).

Na narrativa de outra entrevistada acerca do envolvimento entre alunos da mesma escola, destaca-se o significado positivo da confiança e intimidade criada entre os indivíduos daquele grupo.

“Eu vejo isso como uma coisa boa. Você não corre perigos de ser enganada porque a pessoa você já conhece tudo dele, onde estuda, onde vive e não há perigo mesmo” (Grupo focal com Estudantes).

Este conjunto de narrativas ilustra a valorização da confiança criada no grupo, assim tanto de jovens como de professores ou funcionários que já tem uma familiaridade com os alunos que

⁴ O Brincar é o tipo de relacionamento que os jovens mantem sem afecto e sem compromisso.

frequentam a escola. Assim notei que é de extrema relevância e válido para as raparigas ter relacionamentos com pessoas já conhecidas no grupo de amigos e colegas da escola.

Na visão masculina, um jovem nos deu um panorama de como era a juventude estudante do distrito:

“Namorar... (risos). É o que mais acontece aqui... nós ate brincamos dizendo que quando há aulas é o tempo de namorar e ver muitas meninas na escola. Todos aqui gostam muito de namorar, quando largam você vê muitos aqui mesmo no pátio... tenho um meu amigo que ate já quer oficializar” (João, 18 anos, 10ª classe).

Numa visão diferente da dominante (confiança e familiaridade) é a de uma rapariga que narra a importância do relacionamento fora do espaço da escola. Esta revela-nos o seguinte:

“Pra me é mas melhor namorar la fora, aqui...nada. Há muita fofoca, todos já se conhecem e além disso você não pode estar a ver sempre teu namorado como teu colega, não da mesmo. Eu meu namorado não estuda aqui mas ele vem para aqui as vezes passear, tem amigos também aqui, mas da que mesmo nada” (Luísa, 19 anos, 11ª classe).

Na convivência com o meu grupo alvo pude observar que há também opiniões diferentes da dominante. Consistindo na escolha e preferência de uma das participantes em ter relacionamento com alguém que não frequenta o espaço da escola onde se desenvolveu esse trabalho.

Nesta sessão entendo que os gostos afectivos dados pela valorização da confiança influenciam a existência dos relacionamentos entre as pessoas já conhecidas que partilham o espaço da escola como alunos, professores e/ou trabalhadores.

5.3. Construção das relações afectiva-sexuais das raparigas

Neste tópico relata-se as relações afectiva e sexuais das raparigas, procurando analisar o tipo de relações que as nossas entrevistadas mantêm, como são os seus percurso afectivo, a característica da primeira relação e de que forma a valorização ou não dos afectos e dos estatutos sociais influenciou as experiencias sexuais e os gostos afectivo-sexual.

Com base nas entrevistas e observação efectuadas noto que os tipos de relacionamentos construídos pelas raparigas são orientados por categorias construídas no seio delas. Nesta linha existem categorias de vivido e a de criança. Estas categorias construídas contribuem para a selecção e escolhas de parceiros.

Sobre a categoria “vivido” caracteriza-se pela primazia da experiência sexual e de vida, o tipo de actividade, o nível de vida e de escolaridade. Assim podemos ver nas seguintes narrativas:

“Meu namorado tem 22 anos e ele estuda e também já trabalha aqui mesmo no distrito. Ele vive em casa dos pais mas lá ele tem quarto dele sozinho que está no pátio de casa dele. Eu só posso namorar com uma pessoa assim que me dá confiança e segurança, onde você já sabem também que não estão só a brincar” (Ana, 17 anos 10ª classe).

Os discursos das raparigas ilustram a pertinência de se escolher os “vividos” para ter relacionamentos e que estes são caracterizados pela idade, modo de vida e até tipo de actividade desenvolvida.

Nesta linha de ideias, foi-me retratado também a ideia da primazia da experiência e do conhecimento sobre a vida sexual para uma aceitação de relação afectiva e sexual. Assim, vemos nas suas narrativas o seguinte:

“Não posso namorar com esses que estão aqui nem... tem de ser alguém vivido que já sabe bem as coisas e também sabe o que quer da vida. Meu namoro estuda aqui, mas ele estuda amanhã na 12ª classe. Já não é como esses alunos que estudam à tarde, são muanas esses” (Rita, 18 anos, 10ª classe).

As desigualdades dos níveis de escolaridade ou de idade entre os estudantes interferiam na esfera das suas práticas. A relação com os alunos de turnos diferentes é relevante para se compreender escolhas e os gostos afectivos. Deste modo, vejo que o nível de escolaridade e a experiência de vida e dos relacionamentos afectivos sexuais mostraram-se sob categorias fundamentais na construção da sociabilidade e das relações afectivas dessas raparigas.

Um outro panorama caracteriza a categoria vivido não apenas pela experiência e pela acção:

“Meu namorado me compra cremes, pomadas e me leva para passeira, as vezes no vídeo ou ate la no Parreirão e viajamos também pra Mocuba as vezes Quelimane. Agora esses muanas aqui, não só podem namorar com pessoas mas novas, crianças como eles” (Paula, 19 anos, 11ª classe).

Esta narrativa dá o subsídio para a caracterização da categoria vivido numa dimensão de oferecer vantagens em ganhos materiais.

Nota-se também que ser experiente é pertencer a categoria de “vivido” que ganha um estatuto social elevado e por sua vez privilegiado no mundo das raparigas. Porque o mundo das raparigas define-se em dois compartimentos elas caracterizam a segunda categoria “criança” denominada muana de modo a afasta-los do seu quadro de escolhas.

Segundo as narrativas das raparigas, não podem ter relacionamento com “crianças”. Vejamos alguns depoimentos que sustentam esta posição:

“Essas crianças aqui não... não dão para namorar mesmo, e também são meus colegas da sala e esses também ainda cheiram leite (risos), não sabem ainda o que é a vida. Você pode estar com ele um dia mas não fazerem nada e esses só gostam de ficar aqui na escola parece não tem outro sitio para ir” (Ana, 17 anos 10ª classe).

Na mesma linha, outra entrevistada afirma:

“Tem aqueles meninos que você não vale a pena pensar em namorar com eles, aqueles que são crianças mesmo, que não te dão nada mesmo. E ate em casa dele, no quarto dele você não pode entrar as vezes porque dorme com os irmãos” (Marta, 21 anos, 12ª classe).

Aqui nota-se que ser “criança” ou mesmo muanas como são por vezes tratados é ter um estatuto não legitimado e privilegiado pelas raparigas. As crianças têm um estatuto social baixo que traz consigo algumas desvantagens, ligadas ao quarto individual dentro da sua casa, o tipo de vida que este tem e ate ao que pode oferecer numa relação afectiva. Nesta linha identificamos a premissa segundo a qual uma das participantes da pesquisa afirmou:

“Com crianças você só pode namorar na escola e na rua. Com elas só se pode esperar pouco” (Rita, 18 anos, 10ª classe).

Por sua vez outra participante insiste dizendo:

“Criança só pode namorar com criança. Agora alguém que já é vivido, já tem planos esse sim eu posso namorar com ele” (Marta, 21 anos, 12ª classe).

E na subcategoria dos percursos das relações afectivas, quando falamos nas nossas entrevistas informais da importância dos laços afectivos, as participantes deste trabalho pautaram o seu discurso apontado pela normatividade dos laços afectivos num relacionamento sexual. Assim temos algumas passagens discursivas:

“Para mim o namoro, a relação de verdade com meu namorado é importante porque há confiança e respeito... e isso são coisas importantes num namoro. Sem namoro e gostar de verdade não há essas coisas de ir pra dormirmos juntos” (Paula, 19 anos, 11ª classe).

“O sexo... assim, é importante porque é a intimidade dos dois que estão ali e tem que existir afecto, porque sinão não tem mesmo valor... pode ser coisa de brincadeira e não de namoro serio. Mas quando é namoro serio há respeito e assim as pessoas dão-se intimidades” (Grupo focal com Estudantes).

Denota-se nesta passagem uma valorização do sentimento, da partilha de sentimentos e emoções, sendo que só faz sentido para uma das participantes a ocorrência da partilha física quando há partilha emocional e para a outra pode haver um simples contacto físico, mas tudo passa por uma simples diversão sem laços afectivos traçados. É de salientar ainda que esta pratica esta rodeada de valores associado a escolha e seleção de parceiros.

O discurso das raparigas sobre alguns rapazes do seu meio ilustra relações de separação baseada na escolha tendo em conta o estatuto que o individuo ocupa, ligada a uma categoria e aos gostos afectivos construídos. Nota-se que esta tendência cria categorias de criança e vivido, estas que são noções aparentemente familiares do ponto de vista do senso comum que se indicam como categorias sociais.

Capítulo V

6. Discussão dos resultados

Os resultados explicitaram aspectos individuais e sociais da afetividade e sexualidade dos jovens e em particular das raparigas residentes no distrito da Maganja da Costa. Os mesmos ilustraram o quão são frequentes as interações afetivo-sexuais entre jovens na escola, embora com contornos distintos, conforme os sexos e o estatuto social influenciam na aceitação da prática.

Para apresentar os resultados farei a seguir a descrição organizada por dimensões que integram simultaneamente a experiência viva dos sujeitos da minha pesquisa. A etnografia indicou as várias percepções que o grupo pesquisado tem nas suas atitudes de buscar por meio de interações com os outros, os ganhos e as vantagens envolvidos neste encontro. A aquisição de um *status* maior, ganhos materiais, os passeios e outros ganhos.

Para sustentar este item, Heilborn (et al, 2002), retrata que as representações, valores e comportamentos que modelam a construção de sexualidade vão se consolidando no decorrer da juventude. As relações que se estabelecem na escola e no grupo de pares se entrelaçam na construção da afetividade e sexualidade das raparigas.

Na discussão acima retratada remete os participantes desta pesquisa uma influência ao início da vida afectiva sexual. No presente trabalho é dada a percepção de que algumas raparigas tiveram uma primeira relação afectiva sexual mas cedo em relação as outras. Uma das participantes iniciou a vida sexual aos 14 anos, e outra com os 15 anos. Já as outras começaram com os seus 16 aos 17 anos de idade.

Neste estudo, tal como Vance (1995), a média de idade para a primeira relação afectiva sexual dos rapazes situa-se nos 17 anos. Este dado é similar ao resultado da minha etnografia mesmo sabendo que o meu grupo alvo são as raparigas. Enquanto para as raparigas a primeira relação afectiva sexual situou-se entre os 15 aos 18 anos, mas quer rapazes quer raparigas entrevistadas parra este estudo revelam ter iniciado numa idade ainda mas jovem a sua actividade sexual.

Estes dados revelam-se no momento que indicamos o tipo de relacionamento que os participantes desta pesquisam mantem. Assim posso ver que os relacionamentos mantidos neste grupo são orientados por categorias construídas que de certo modo trás vantagens e com fins

benéficos. Assim constatei que para as raparigas os relacionamentos devem ser mantidos com indivíduos que gozam de um *status* que se enquadra na categoria “vívido”.

Neste sentido, Abramovay (et al, 2004) destaca que, na iniciação sexual das raparigas, as interpretações se dão por lógica diferenciada àquela atribuída aos jovens. Neste trabalho constato que a ausência de experiência sexual e de vida é vista como um motivo de escolhas e selecção parceiros para relacionamentos que estabelecem o sexual com o afectivo. Sabendo então que a ausência de experiência é enquadrada na categoria “criança”.

A partir deste trabalho ilustro que as escolhas de parceiros sob a consideração de categorias construídas podem estar ligadas aos gostos afectivos sexuais que têm significados sociais e sentidos subjectivos variados, dependendo do sujeito ou grupo. Para sustentar este argumento Vance (1995) aborda que:

“As culturas geram categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para estruturar as experiencia sexuais e afectivas. Essas construções não só influenciam a subjectividade e o comportamento individual, mas também organiza e dá significado à experiencia sexual colectiva através do impacto das identidades, definições, ideologias e regulações sexuais” (p.16).

Se, ainda consideramos que faz usualmente parte da construção de uma identidade feminina a escolha de parceiros (Heilborn 2006), posso analisar a escolha de um parceiro mas velho e mas experiente como sendo uma forma de encarar a situações mais difícil.

Assim, posso associar as escolhas de parceiros aos gostos afectivos sexuais que por sua vez derivam de uma rede de influências culturais, construída na dialítica entre sujeito e instâncias sociais, sendo que as fontes de influência sobre a sexualidade é formada pelas diferentes instâncias com as quais o sujeito tem contacto, não se limitando a família, a religião e muito menos a escola.

VI Capítulo

7. Considerações finais

A busca pela análise da forma como o imaginário sobre relacionamento das raparigas se estrutura foi o ponto de partida para este estudo. Nesse objectivo, está implicado o reconhecimento de que seria preciso considerar as dimensões imbricadas nos estudos de sexualidade dos jovens.

O debate sobre a construção da sexualidade e das relações afectiva-sexuais dos jovens e em particular das raparigas tem sido discutido em duas linhas de abordagens. Sendo que a primeira entende que os significados que estruturam as relações afectivas e sexuais dos jovens são fornecidos pela cultura. A segunda abordagem enquadra argumentos segundo a qual apesar de serem construídos socialmente os significados que estruturam os comportamentos, as relações afectivas e as atitudes sexuais podem ser modificados por diferentes situações e pressões sociais. De acordo com esta linha, esta perspectiva explica que os jovens assimilam e (re) significam os valores e noções dadas no berço familiar.

Face a limitações que estas duas abordagens apresentaram, este estudo analisou a forma como o imaginário sobre os relacionamentos das raparigas se estrutura através da valorização de diferentes estatutos sociais.

Para alcançar os resultados apresentados no presente estudo usei as técnicas de grupos focais onde permitiu colher depoimentos em que os entrevistados narram e discutem abertamente visões e valores sobre o assunto e sobre eles próprios permitindo registrar diferentes representações do grupo. A segunda técnica que se concilia com a terceira foi a de entrevistas semi-estruturadas e por fim a terceira foi a observação in loco com o objectivo de dar um significado sociológico aos dados, esta técnica permitiu-me registrar informações sobre comportamento dos alunos no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aulas.

Os resultados preliminares apresentados neste estudo permitem dizer que as relações afectiva-sexuais das raparigas se estruturam através da valorização de diferentes estatutos sociais incorporados nas categorias de criança e vivido, tendo em conta as escolhas de parceiros sexuais. De certo modo esta patente no trabalho até que ponto a escola como uma dimensão da vida deste grupo transforma-se num espaço que oferece oportunidades para o desenvolvimento das relações afectivas e sexuais, tendo em conta a primazia das experiências por parte das raparigas nas

escolhas dos parceiros sexuais através das categorias como o vivido e a criança construídas no seio do grupo.

Nestas categorias construídas do imaginário sobre os relacionamentos das raparigas são agregados por um lado a valorização dos relacionamentos ligado legitimação do quarto como espaço físico que só tem acesso a pessoa vivida, e por outro lado esta ligada ao comprometimento e as condições de financiar uma relação duradoura. Estas duas noções formam categorias sociais que se enquadram numa certa dimensão que tem a ver com aquilo que diz respeito aos segmentos sociais.

É de salientar que estas descobertas são hipóteses do trabalho que podem ser aprofundadas nas pesquisas futuras.

Visto que este é um estudo exploratório que analisa a forma como o imaginário sobre os relacionamentos das raparigas se estrutura, assim espero que as indagações deste trabalho sejam uma forma de abrir caminhos para pesquisas futuras e trazer outros questionamentos ao debate a um nível mais alto.

8. Referências Bibliográficas

- Aboim, S. 2008. *Comportamento Sexual e a infecção HIV/SIDA em Portugal*. In Jornal de Notícias;
- Abramovay, M. et al. 2004. *Juventudes(s) e Sexualidade*. Brasília: UNESCO;
- Bourdieu, P. 2003. *Questões de sociologia*. Lisboa: fim da seculo edições, Lda;
- Chauí, M. 2000. Senso comum e transferência. In Lerner Julio (org) *O preconceito*. São Paulo: IMESP;
- Duarte, L. F. 1999. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar;
- Favret-Saada, J. 2005. Ideias contemporâneas, Paris: La Decouverte. In: *Cadernos de campo*. São Paulo: USP;
- Fonseca, Marcos A. 2003. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC;
- Heilborn, Maria L. 2006. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens*. Rio de Janeiro: Garamond;
- Loforte, A. 2007. *Noções de sexualidade: respondendo às necessidades dos jovens em matéria de saúde sexual e reprodutiva*. Maputo: Outras Vozes;
- Martins, Maria da S. 2004. *Saúde Reprodutiva em Portugal: Passado, Presente e Futuro*. Coimbra: CES;
- Osório, Conceição e Cruz, Teresa e Silva 2008. *Buscando Sentidos: Género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário*. Maputo: WLZA Moçambique;
- Paiva, V. 2000. *Sexualidades Adolescentes: escolaridade, género e o sujeito sexual*. in: Parker, R. e Barbosa, R. (orgs.), (s/d). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará;
- Pereira, José L. et al. 2007. *Sexualidade na Adolescência no Novo Milénio* Rio de Janeiro: UFRJ;

Rodrigues, Ana Maria. E. 2009. *Os jovens e a Sexualidade: Uma visão construtivista*. Porto: UFP;

Quartilho, M. J. 2003. *Sexualidade e construção social: A propósito dos scripts sexuais*. In Fonseca, L; Soares, C. & Vaz, J. M. “A Sexologia – Perspectiva multidisciplinar II”, Coimbra: Quarteto Editora;

Quivy, R. & compenhoudt, L. 1998. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva;

Vance, C. 1995. *A antropologia redescobre a sexualidade*. Physis;

Vieira, Rosângela S. 2004. *Juventude e Sexualidade No Contexto (Escolar) De Assentamentos Do Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Florianópolis;